



XII Colóquio Internacional
“Educação e Contemporaneidade”
São Cristóvão/SE/Brasil
20 a 22 de Setembro de 2018
ISSN: 1982-3657



Recebido em:
04/08/2017
Aprovado em:
05/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

ARTICULAÇÕES ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO A PARTIR DA INTERVENÇÃO HIGIENISTA

MARKUS DE LIMA SILVA
MARCOS BATINGA FERRO
MARCOS ANTÔNIO DO MONTE SANTOS

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

RESUMO

O higienismo é caracterizado como um movimento que, a partir dos estudos científicos que se proliferavam na época, passa a ter fortes influências em diversas instâncias sociais. Desta forma, esse artigo se propõe a analisar, por meio de um estudo bibliográfico, as relações estabelecidas entre os ideais do movimento higienista sobre o processo educacional do final do século XIX e início do século XX no Brasil. Dentre as preocupações higienistas com a escola, podemos destacar a arquitetura dos edifícios escolares, a vigilância exercida por professores e inspetores das escolas no intuito de coibir e prevenir atitudes viciosas e a fixação de hábitos saudáveis, como também a ênfase nos exercícios físicos. Verificou-se que as articulações entre a educação e o movimento higienista foram eminentes, no intuito de promover uma sociedade forte e saudável, como também, principalmente, a efetivação da formação moral do povo brasileiro.

Palavras-Chave: Educação do Corpo. Educação Moral. Movimento Higienista.

ABSTRACT

Hygienism is characterized as a movement that, from the scientific studies that were proliferating at the time, happens to have strong influences in diverse social instances. In this way, this article proposes to analyze, through a bibliographical study, the relationships established between the ideals of the hygienist movement on the educational process of the late nineteenth and early twentieth century in Brazil. Among hygiene concerns with school, we can highlight the architecture of school buildings, the supervision exercised by teachers and school inspectors in order to curb and prevent vicious attitudes and the establishment of healthy habits, as well as the emphasis on physical exercises. It was verified that the articulations between education and the hygienist movement were eminent, in order to promote a strong and healthy society, as well as, mainly, the effectiveness of the moral formation of the Brazilian people.

Keywords: Body Education. Moral Education. Hygienist movement.

PRIMEIRAS PALAVRAS

O higienismo é uma corrente de pensamento que emerge no final do século XIX e que prevalece até os anos de 1950, trazendo um discurso sobre o equilíbrio das dimensões do indivíduo, tanto físico, intelectual e moral. Tem como principal objetivo educar para a saúde, com a finalidade de aumentar a expectativa de vida, através de melhores condições humanas. Desta forma, a escola constitui-se como um local privilegiado para a divulgação de um modelo de

boa educação higiênica, tendo em vista que enquanto as crianças continuassem convivendo com os vícios dos pais este mal continuaria a se reproduzir.

Os maus hábitos de moradia das classes necessitadas eram perniciosos à sociedade, devido às residências coletivas que gerariam epidemias e conseqüentemente a proliferação de vícios de distintos tipos. A partir disso, os higienistas debatiam projetos para a construção de escolas e ofereciam sugestões de práticas pedagógicas dedicadas a formação de hábitos higiênicos pela sociedade.

Segundo Azevedo (2009), as práticas higiênicas objetivavam a prevenção de doenças, como também a criação de hábitos saudáveis para a sociedade. Estes deveriam ser cultivados desde a infância, atribuindo à escola o objetivo de disseminar bons hábitos higiênicos. Neste sentido, esse estudo se propõe a abordar as relações estabelecidas entre os ideais do movimento higienista sobre o processo educacional do final do século XIX e início do século XX.

Neste sentido, esse estudo se pautará na intenção de responder as seguintes questões norteadoras: o que foi o movimento higienista Quais os seus objetivos para a sociedade brasileira Quais articulações procurou estabelecer com a educação no intuito de legitimar seus objetivos sociais A quem, principalmente, destinava-se suas ações Quais representações atribuía-se a arquitetura escolar e ao seu material pedagógico Qual o sentido de vigilância para o movimento higienista e como ele se perpetuou no ambiente escolar Qual o papel atribuído aos exercícios físicos, mais especificamente a ginástica, para a concretização dos objetivos propostos para educação e, mais amplamente, para a sociedade

A EDUCAÇÃO DO CORPO NA PERSPECTIVA HIGIENISTA

A origem dos temas referentes ao movimento higienista teve início, no Brasil, no final do século XIX e início do XX, visto que este tinha como objetivo uma modificação no comportamento da população brasileira. Os médicos higienistas tinham a responsabilidade de cuidar da saúde e da higiene do indivíduo e do país de certa forma, pois acreditavam que grande parte dos problemas da nação estava relacionada a questões sanitárias.

Criada a partir da credibilidade alcançada pela perspectiva médico-higienista, a escolarização da higiene – subárea da ciência médica – objetivava modificar os modos e hábitos culturalmente construídos sobre o cuidado com o corpo, com a alimentação e com a moradia, impondo condutas e práticas autorizadas pelas novas normas de civilidade, as quais deveriam concorrer para formar física e moralmente o cidadão brasileiro.

A obediência do indivíduo aos ditames da higiene configura-se como a fórmula que se apresenta ao espírito daqueles que *observam e investigam* os problemas gerados pelo rápido crescimento das cidades e pelas *condutas desregradadas* da população. *Estancar a torrente mórbida*, a grande ameaça que pairava sobre a sociedade, era o desafio diante do qual se colocavam o médicos-higienistas. Desafio esse cujo enfrentamento exigia um programa de disciplinamento da população, o qual deveria fundamentar-se na articulação entre a higiene e a moral (ROCHA, 2003, p. 42).

Fator essencial na formação moral e intelectual do povo, a escola primária é vista como a instituição a cuja força e poder deveriam recorrer os higienistas. No entendimento de Teive e Dallabrida (2011), a escola médico-higienista passou a acreditar que ao se ensinar, fiscalizar e obrigar o cumprimento das noções higiênicas pelos alunos, os professores concorreriam para modificar também os hábitos higiênicos familiares, civilizando a família, fazendo jus a sua missão patriótica de preparar o homem são de amanhã. O movimento higienista não se reduziu as lutas dos médicos contra as frequentes epidemias causadas pela falta de saneamento básico, mas se mostrava também preocupada com o objetivo de diminuir a miséria do povo, pois não combinava com os anseios da elite por uma nação civilizada.

Na compreensão de Pykosz e Oliveira (2009), já é possível observar nos anos iniciais do século XX a relevância dos discursos de enaltecimento do corpo, da saúde, da higiene, correlacionados com a moralização dos costumes. Analisando o contexto de Curitiba, percebe-se que “era dever do professor primário encarar a educação da criança

sob o seu tríplice aspecto, cuidando simultaneamente do seu desenvolvimento físico, intelectual e moral” (PETRICHE apud PYKOSZ e OLIVEIRA, 2009, p. 143). Neste sentido, verifica-se que essa tríade contemplaria a educação integral do homem, permanecendo nas discussões intelectuais do século XX e se solidificando como modelo vigente nas práticas pedagógicas dos grupos escolares.

Desta forma, o movimento higienista apropria-se primordialmente da infância como objeto privilegiado de intervenção quanto ao papel atribuído à escola primária. “Não parecia pairar nenhuma dúvida de que só a criança é realmente educável e de que, neste sentido, todo esforço educativo deveria privilegiar a infância, reservando-se, para idade adulta, a instrução, como possibilidade de reforçar alguns hábitos” (ALMEIDA JUNIOR apud ROCHA, 2003, p. 43).

O contraste entre a infância e a idade adulta, por meio do qual a idade adulta é representada pelo enrijecimento, em contraposição a idade infantil, oferece importante elementos para a compreensão da noção de hábito de do seu papel na obra de modelagem da infância, que deveria configurar-se no objetivo central da educação sanitária (ROCHA, 2003, p. 44).

Neste sentido, podemos enfatizar que os objetivos higienistas para escola primária do Brasil eram “acabar com os vícios e cultivar hábitos saudáveis desde a infância. Modelar a sociedade com atitudes higiênicas com o fito de privá-las de doenças” (AZEVEDO, 2009, p. 178). Desta forma, a escola é vista como indispensável para o desenvolvimento do país, pois ela terá a relevante função de modificar os hábitos humanos socialmente e historicamente construídos:

Eliminar *atitudes viciosas* e inculcar hábitos salutarés, desde a mais tenra idade. Criar um *sistema fundamental de hábitos higiênicos*, capaz de dominar, inconscientemente, toda a existência das crianças. Modelar, enfim, a *natureza infantil* pela aquisição de hábitos que resguardassem a infância da debilidade e das moléstias. Eis as tarefas de que se deveria incumbir a escola primária [...]. Não é demais lembrar, neste sentido, que, concebida como cenário privilegiado de um conjunto de práticas voltadas para o disciplinamento da infância, a escola vem sendo, recorrentemente, chamada a oferecer sua poderosa colaboração para o sucesso de campanhas que visam ao combate de endemias e epidemias, como também para a difusão de meios de prevenção e preservação da saúde. Campanhas essas pautadas em representações sobre a saúde, a doença, a infância e, ao mesmo tempo, em uma inabalável crença no poder modelador da educação e da escola (ROCHA, 2003, p. 40).

Os assuntos associados ao movimento higienista e à educação escolar se destacavam como um dos aspectos discutidos no Brasil ainda no século XIX, contribuindo para se refletir o sistema educacional na República. Sobre o tema, Azevedo (2009) destaca a atuação de Rui Barbosa sobre as questões relativas a educação, referindo-se enfaticamente a iluminação, aeração dos ambientes escolares e sua relação com problemas de saúde nas escolas. Desta forma, tornava-se emergente a construção de edifícios-escola e à necessidade de desenvolver cuidados higiênicos na população, entendidos aí como medicina do social. Além disso, a escola deveria também se preocupar com as doenças contagiosas, que para o caso tornava a aplicação de vacinas algo importante.

A visão higienista do século XIX influenciou na concepção de escola e de aluno, interferindo na cultura da escola, nos currículos, e na arquitetura dos edifícios escolares. Neste sentido, Teive e Dallabrida (2001), ao analisar os Grupos Escolares em Santa Catarina nos anos de 1911 a 1918, salientam que a sua construção baseou-se em prédios imponentes, geralmente com oito salas de aula, dois galpões para o recreio e práticas de ginástica e o gabinete do diretor, diferenciando-se das atuais escolas, nas quais funcionavam em sua totalidade em casas alugadas sem as condições pedagógicas e higiênicas indispensáveis ao estabelecimento da instrução. As construções dos prédios geralmente apresentavam-se em forma de “U” e com corredores longos, que propiciavam a vigilância panóptica. Devido a sua construção geometricamente simétrica, a escola vai propiciar a divisão entre a seção masculina e feminina, materializando a generificação do espaço. Situava-se basicamente nos centros das cidades e sua forma arquitetônica era majestosa e sólida, retratando as correntes arquitetônicas ligadas ao modernismo do início do século

XX.

Materializando-se em lugar da saúde, a escola, aberta à luz do sol e ao ar, limpa, espaçosa, ordenada e clara, exerceria por si só uma poderosa sugestão higiênica sobre as crianças. Contrastando com a sujeira dos seus sapatos e de suas mãos, o assoalho limpíssimo e os móveis polidos e lustrosos ensinariam as crianças a necessidade de limpar as solas dos sapatos e lavar as mãos. Agindo sobre a tendência à imitação, a escola, impecavelmente limpa e iluminada, transbordaria a sua ação educativa para o ambiente doméstico (ROCHA, 2003, p. 47-48).

Segundo Faria Filho *apud* Azevedo (2009), a questão da higiene vai influenciar em vários aspectos o cotidiano escolar, inclusive no uso do seu mobiliário. A busca por educar a postura, em demarcar e controlar claramente os gestos, em criar as condições para escrever saudável e higiênico, transformando-o em um ato minuciosamente projetado, fazendo-se necessário voltar suas preocupações para os equipamentos escolares, para as carteiras e para a qualidade dos quadros negros. As carteiras deveriam ser reconhecidamente aprovadas pela higiene escolar, pois a mobília escolar deveria obedecer a preceitos higiênicos, fato que prevenia moléstias no desenvolvimento físico das crianças e, acima de tudo, problemas na sua aprendizagem.

A experimentação das estruturas arquitetônicas da escola e, conseqüentemente o seu mobiliário, representava uma fonte de novas experiências de aprendizagem para as crianças, pois “cumpriria um papel fundamental ao determinar formas de estudar, de ler, de sentar, de escrever, de exercitar, de se mover, enfim, de estar no espaço da sala de aula, bem como no uso dos demais espaços da escola, como pátios, refeitórios, seu entorno, áreas de circulação, laboratórios, etc.” (PYKOSZ e OLIVEIRA, 2009, p. 149).

Outra medida muito utilizada pelo movimento higienista nos processos educacionais no cotidiano escolar diz respeito à vigilância, pois era necessário surpreender os pequenos vícios, no intuito de coibir e corrigi-los de maneira implacável e suavemente, tarefa essa reservada ao professor vigilante, que buscava, através de práticas disciplinares, a aquisição de bons hábitos que modelassem os gestos das crianças.

Examinando os alunos, envolvendo-os em práticas de inspeção do espaço escolar, modelando-lhes a conduta pela eliminação das atitudes viciosas e fixação de hábitos salutarres, interessando-os em relação aos resultados das medidas que expressavam a sua saúde e descortinando, de modo sutil e insidioso, o universo doméstico, os professores estariam prestando uma valiosa colaboração à obra de regeneração da população (ROCHA, 2003, p.52).

Conceição (2015), ao analisar os colégios-internatos entre os anos de 1845 a 1927, constatou que as práticas da masturbação e da homossexualidade pelos pensionistas eram combatidas pela campanha médica promovida pelo movimento higienista, que criou ‘regras higiênicas’[i] e ações de vigilância no intuito de extinguir ou prevenir o aparecimento desses vícios execráveis nos internatos. Tais vícios eram vistos como doenças contagiosas, degenerativas e abomináveis pela sociedade, que necessitavam ser combatidas e extintas. “A ordem era vigiar e manter os pensionistas constantemente ocupados. Nas recreações, recomendava-se que os alunos estivessem em constante movimento, sempre entretidos com as atividades que despertassem o seu interesse” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 119).

Fez parte do receituário de combate ao onanismo o exercício da vigilância, dando especial atenção ao espaço dos dormitórios; ao exame semanal das roupas, nos leitos, nas estantes e gavetas dos pensionistas; aos exercícios físicos; uma alimentação sem excitantes; à leitura de livros de cunho moral e religioso; aos banhos de mar; à entrada de todo tipo de impresso que pudesse despertar o senso genésico, entre outros (CONCEIÇÃO, 2015, p. 128).

Neste sentido, o movimento higienista defendia a importância da prática de exercícios físicos como uma forma de combate aos vícios execráveis e sob o ponto de vista da higiene escolar, como também constituída a partir de uma formação moral. O corpo passa a ser visto como um sustentáculo da moral, na qual proporcionaria a constituição de uma sociedade ordeira, equilibrada, limpa, seguindo os pressupostos modernos e civilizatórios. Logo, atribui-se a ginástica um papel central para os objetivos higienistas. “Percebe-se a aproximação da ginástica, como meio para exercitar o corpo da criança, como a busca pela formação de atitudes pertinentes à saúde, à moral e à sensibilidade do aluno pelo corpo, procurando manter a criança longe de vícios” (PYKOSZ e OLIVEIRA, 2009, p. 135).

No entendimento de Silva (2009), a ginástica passa a ser a base para a prática de todos os exercícios que tendem a render ao homem mais coragem, inteligência e sensibilidade, vencer as dificuldades, triunfar diante de todos os perigos e todos os obstáculos, a render, enfim, dos notáveis serviços ao Estado e a humanidade. O tipo ideal desejado, as competências e habilidades esperadas, a prescrição de conteúdos e a duração das atividades revelam a direção e centralização do processo de formação humana sob os ditames do Estado medicalizado.

De acordo com Teive e Dallabrida (2011), a inserção da ginástica no currículo escolar pautava-se como parte da almejada educação integral, justificando sua prática por proporcionar um efeito higiênico, relacionado as questões fisiológicas e da saúde, como no desenvolvimento da força, vigor, resistência, agilidade, destreza e graça, como também sua relação no desenvolvimento moral do indivíduo, na incorporação de hábitos como a obediência, disciplina, perseverança, respeito às normas, ordem, etc. comportamentos necessários para a aptidão do indivíduo para o trabalho.

A inserção da Ginástica no contexto escolar teve uma relação muito próxima com os objetivos higienistas. De um lado os médicos viam na educação física dos jovens uma estratégia de disciplinarização e de inculcação de hábitos saudáveis. Do outro, os primeiros instrutores viam a medicina como referência científica necessária para legitimar suas práticas (JÚNIOR, 2013, p. 149).

Segundo Vago (2002), a prática de intercalar os “Exercícios Physicos” e o Canto Orfeônico às demais disciplinas escolares representava o interesse do movimento higienista em desenvolver hábitos saudáveis na população, pois essas práticas se revelam na intenção de proporcionar às crianças um descanso (relaxamento) dos trabalhos caracterizados como intelectuais, realizados em sala de aula. Acreditava-se em suas possibilidades de transformar os corpos das crianças, vistos como débeis, raquíticos e fracos, em desejados corpos sadios, belos, robustos e fortes.

Neste sentido, Júnior (2013) salienta que a ginástica foi legitimada a partir dos postulados científicos da época, nos quais tratavam sobre a termodinâmica, da entropia, e da microbiologia, possuindo muito prestígio social. Com essas descobertas, os hábitos corporais deveriam ser reformados, pois a limpeza não estava mais somente na aparência. O cuidar do corpo assume um viés como uma norma moral. Desta forma, a educação do corpo seria acima de tudo uma educação moral, em que a Ginástica e a Higiene se configuram como requisitos privilegiados dos corpos no século XIX e XX, sendo a ginástica amplamente influenciada pela mentalidade do movimento higienista no período estabelecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento higienista pode ser caracterizado como um dos mais ambiciosos projetos de intervenção social que conheceu a modernidade ocidental. Pretendendo mais que definir novos padrões de saúde, reconhecia a educação como um método viável para a efetivação dos seus objetivos, em que a criança era vista como a sua principal preocupação, no intuito de reproduzir na sociedade seus ideais de formação física e moral da população brasileira.

Dentre as preocupações higienistas com a escola podemos destacar a arquitetura dos edifícios escolares, que deveriam possuir prédios imponentes e amplo espaço, aberta à luz do sol e ao ar, limpa, ordenada e clara, assim como equipamentos condizentes aos requisitos higienistas, que possibilitassem a prevenção de doenças que impedissem o desenvolvimento físico das crianças e, acima de tudo, problemas em sua aprendizagem.

Outro aspecto relevante diz respeito diz-se respeito à vigilância, que seria exercida pelos professores e inspetores das escolas no intuito de coibir e prevenir atitudes viciosas e a fixação de hábitos saudáveis. Tais vícios eram vistos como doenças contagiosas e que propagavam a degeneração da sociedade, necessitando ser combatidas e extirpadas a partir de uma vigilância constante.

Desta forma, torna-se necessário afirmar que os exercícios físicos, mais especificamente a ginástica, passa a ser vista como uma importante ferramenta para a legitimação dos objetivos do movimento higienista e, conseqüentemente, para a educação do corpo, por sua característica de promover o desenvolvimento da força e por prevenir moléstias, mas acima de tudo, como uma importante ferramenta para a formação moral do povo brasileiro.

[i] 1º Não admitir no seio da comunidade mancebo de costumes e hábitos suspeitos; 2º proibir aos alunos a conservação e a leitura de livros eróticos, as palestras levianas, e tudo que possa excitar para o mal a sua imaginação ardente; 3º repartir convenientemente os dormitórios, de modo que haja completa separação de idades; 4º proibir uma comunicação muito livre entre os pensionistas e os alunos externos, quando os hajam de uma e outra classe; 5º prevenir o despertar precoce da sensualidade por meio de exercícios bem dirigidos, pela abolição de alimentos excitantes, etc.; 6º punir o culpado repreendendo-o asperamente, ou, segundo a gravidade do crime, expelindo-o do colégio; 7º medicá-lo se carecer dos socorros da arte (ANDRADA *apud* CONCEIÇÃO, 2015, p. 118).

Professor de Educação Básica vinculado à Secretaria Estadual de Educação (SEED-SE) e Secretaria Municipal de Educação (SEME-Estância). Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Especialização em Educação Física Escolar pela Faculdade Atlântico (FA). Graduação em Educação Física Licenciatura (UFS). Participante do Grupo de Pesquisa INTERAÇÃO – Formação e Atuação de Educadores. markusilva@hotmail.com

Professor na Faculdade São Luiz de França. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luiz de França. Graduação em Pedagogia pela Faculdade São Luiz de França. marcosbating@hotmail.com

Professor de Educação Básica vinculado à Secretaria Estadual de Educação (SEED-SE), Tutor da disciplina História do CESAD (UFS). Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Especialização em Ensino de História pela Faculdade São Luís de França (SL). Graduado em História (UNIT). Participante do Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino, Aprendizagem (DEHEA/UFS/CNPq). E-mail: marquinhosmontell@hotmail.com

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930):** cultura escolar, civilização e escolarização da infância. Natal: EDUFERN, 2009.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. 'Vícios execráveis': campanha médica de combate à masturbação e a homossexualidade entre os pensionistas de colégios-internatos (1845-1927). In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá-PR, v. 15, n. 2 (38), p. 111-132, maio/ago. 2015.

JÚNIOR, Edivaldo Góis. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**. ESEF/UFRGS, v. 19, n. 1, p. 139-159, 2013.

PYKOSZ, Lausane Corrêa; DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda. A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná. **Currículo sem fronteiras**. v. 9, n. 1, p. 135-158, 2009.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Noberto. **A escola da república**: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1991-1918). Campinas/SP: Mercado de Letras, 2011.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Educação escolar e higienização da infância. **Cadernos Cedex**. v. 23, n. 59, p. 39-56, 2003.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Do corpo objeto ao sujeito histórico**: perspectivas do corpo na história da educação brasileira. EDUFBA, 2009.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: educação física e gymnastica como práticas constitutivas de corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

[1] 1º Não admitir no seio da comunidade mancebo de costumes e hábitos suspeitos; 2º proibir aos alunos a conservação e a leitura de livros eróticos, as palestras levianas, e tudo que possa excitar para o mal a sua imaginação ardente; 3º repartir convenientemente os dormitórios, de modo que haja completa separação de idades; 4º proibir uma comunicação muito livre entre os pensionistas e os alunos externos, quando os hajam de uma e outra classe; 5º prevenir o despertar precoce da sensualidade por meio de exercícios bem dirigidos, pela abolição de alimentos excitantes, etc.; 6º punir o culpado repreendendo-o asperamente, ou, segundo a gravidade do crime, expelindo-o do colégio; 7º medicá-lo se carecer dos socorros da arte (ANDRADA *apud* CONCEIÇÃO, 2015, p. 118).